



AS PERSONAGENS FEMININAS DE ALINA PAIM: do lar à militância

Luciana Novais Maciel¹

RESUMO

A escritora sergipana Alina Paim reúne em seus romances um leque de questionamentos e denúncias de uma sociedade passiva, amedrontada diante das condições de luta pela sobrevivência em detrimento as imposições do sistema político vigente. Propõe-se neste estudo uma análise das narrativas a partir do movimento dialógico das personagens numa relação de alteridade, a partir do qual apresenta a condição das diferentes mulheres, suas reações e motivações frente a sociedade patriarcal. Para esta leitura tem-se como suporte teórico Stuart Hall (1997), no que concerne a identidade cultural, Garcia Canclini (1998) e Bhabha (2001), sobre o perfil de identidade na contemporaneidade. A partir dessas leituras busca-se as marcas de Alina Paim frente a relação de alteridade nos romances *Estrada da Liberdade* (1944), *A sombra do patriarca* (1950), *Sol do meio-dia* (1961), *A correnteza* (1979).

Palavras-chave: Alteridade. Autoria feminina. Identidade.

The female characters Alina Paim: home to militancy

Luciana Novais Maciel

ABSTRACT

The sergipan writer Alina Paim meets in his novels a range of questions and complaints from a passive society fearful face conditions of struggle for survival rather than the dictates of the political system. It is proposed in this study analysis of narratives from the dialogical movement of characters in a relationship of otherness, from which displays the status of different women, their motivations and reactions against the patriarchal society. For this reading has been theoretically supported Stuart Hall (1997), with regard cultural identity, Garcia Canclini (1998) and Bhabha (2001), on the profile of identity in contemporary society. From these readings seek to marks Alina Paim forward the relationship otherness in the novel *Estrada da Liberdade* (1944), *A sombra do patriarca* (1950), *Sol do meio-dia* (1961), *A correnteza* (1979).

Keywords: Otherness. Female authorship. Identity.

O artigo que se inicia traz os primeiros resultados da pesquisa que busca expandir a leitura dos romances de Alina Paim analisando as manifestações e as configurações do

¹ Professora do curso de Letras da Faculdade José Augusto Vieira e da Faculdade Pio Décimo. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas. Endereço eletrônico: lucianans@infonet.com.br



percurso representado a partir das suas personagens femininas. Inicialmente busca-se uma compreensão dos perfis apresentados por protagonistas como a de Estrada da Liberdade (1944), em que Marina vive a realidade de um itinerário marcado pela saída da casa da tia em Sergipe, passa pelo convento na Bahia e chega a ser professora da periferia de Salvador. Em *A sombra do patriarca* (1950), Raquel vive sob o domínio do patriarcalismo e do capitalismo, porém a protagonista rompe com essas estruturas, numa busca incansável pela liberdade. No romance *Sol do meio-dia* (1961) a protagonista é Ester que sai do interior da Bahia, Paripiranga, para o Rio de Janeiro, é alimentada pelo desejo de não trilhar os mesmos passos das mulheres de sua cidade. Trata-se de uma mulher militante, política, é também escritora, tradutora, enfim seu perfil é bastante diferente das mulheres de sua época. A protagonista Isabel, que representa a mulher do final dos anos 70, presente em *A correnteza* (1979), tem um perfil diferenciado. É a mulher que se deixa vencer pelos desejos consumistas e demonstra perder o sentido de mulher, ser humano, possui atribuições que a afastam do seio feminino.

Objetivou-se um estudo do gênero e a formação da identidade feminina nos romances ora apresentados, partindo do princípio das relações de alteridade nelas contidas. Possibilitando a elaboração de um plano conceitual afim de analisar os traços identitários contidos nos mesmos. Há efetivamente uma contribuição para as teorizações sobre as convergências entre os campos discursivos da literatura, identidade, estudos de gênero e as possíveis correlações com a sociologia e os estudos culturais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se do processo metodológico a partir da revisão da literatura, de fundamental importância por fornecer o cabedal teórico necessário às definições precisas dos conceitos científicos propostos neste estudo. Buscar uma revisão da literatura é “para o pesquisador, revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir de pesquisa”. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 112-113)

O desenvolvimento da pesquisa é seguido de leitura das narrativas de Alina Paim, a saber *Estrada da liberdade* (1944), *A sombra do patriarca* (1950), *Sol do meio-dia* (1961) e *A correnteza* (1979). Levantamento da fortuna crítica existente sobre as obras em foco, observando-se sua relevância para a pesquisa. Construção de uma abordagem de leitura com base na observação dos traços da identidade feminina marcadores do diálogo memorialístico presente nas obras.

O interesse pela obra de Alina Paim surgiu a partir do primeiro contato com a literatura sergipana. Isso ocorreu durante a I Semana de Letras (2006) organizada pelo



curso de Letras da Faculdade José Augusto Vieira (FJAV), quando houve acesso ao grupo de pesquisa Gelic da Universidade Federal de Sergipe (UFS), coordenado pela professora Ana Leal Cardoso e pelo professor Carlos Magno Gomes. O Grupo desenvolve pesquisas em duas linhas, a de Memórias, identidade cultural e gênero e a outra referente ao Imaginário sociocultural na literatura. Tendo como objetivo primeiro o resgate de obras sergipanas.

Há um interesse no sentido dos estudos culturais de se fazer uma investigação detalhada sobre as preocupações representadas nos romances de Alina Paim. Preocupações expressas principalmente pelas protagonistas, que estavam sempre à frente do seu tempo. Pensando dessa forma, é preciso enfatizar autoras como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, Júlia Lopes, Gilka Machado, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Patrícia Galvão, Lya Luft. Mulheres escritoras que fizeram da escrita lugar de denúncia, de apelo social em vista dos direitos das mulheres, enfim um espaço para realizações dos sonhos e liberdade da dominação masculina sobre suas vidas.

No desejo de ampliar esta pesquisa, a proposta do projeto intitulado “As personagens femininas de Alina Paim: do lar à militância”, toma como *corpus* para análise as obras Estrada da Liberdade, A sombra do patriarca, Sol do meio-dia e Correnteza. Essa investigação poderá contribuir para evidenciar a escrita de Alina Paim, uma escritora sergipana que aborda temas fundamentais dos estudos feministas.

A pesquisa propõe-se a analisar o processo de formação da identidade feminina representado nos romances de Alina Paim. Percebe-se que neles, a autora sergipana propõe às mulheres destinos diferentes dos que frequentemente tem sido evidenciado na literatura, como o de Conceição, de O Quinze; Madalena, de São Bernardo.

É interessante a observação sobre o cânone, pois o ano de publicação do primeiro romance de Paim é o mesmo em que Clarice Lispector publicava Perto do Coração Selvagem, 1944. Nessa obra Paim apresenta a protagonista a partir de suas memórias, a influência do passado sobre o seu presente, contribuem para a elaboração de um futuro cheio de mistérios. Seguindo uma busca para compreender a si mesma e o mundo que a cercava, numa descoberta da significação de sua própria existência. Apesar de a temática ser a mesma (a reflexão sobre a identidade feminina), Alina Paim não teve o mesmo reconhecimento que Clarice Lispector, por exemplo.

Como Clarice, Alina Paim também utiliza recorrentemente a memória de suas personagens para construir a narrativa. Nas obras propostas para análise tem-se verificado que as protagonistas recorrem o tempo inteiro a memória para esclarecer seus



desejos de realização. Chama a atenção a representatividade da mulher num sentido de poder equilibrar a transgressão e o ser mulher, os aspectos que são necessários à vivência da feminilidade. As narrativas questionam acerca da forma como as protagonistas concretizam essas realidades sem extremismos, pois denunciam, transgridem e apontam soluções. Será possível então a mulher ser mãe, esposa, sonhadora, política (militante comunista) e continuar sendo respeitada pelos demais personagens?

A formação da identidade cultural das mulheres painianas pode estar influenciada pela concepção de mulheres leitoras? Será que a autora sugestiona que a formação da mulher enquanto leitora é importante para a formação do senso crítico? Qual a contribuição dos escritos de Paim para o estudo de gênero? Como a autora reflete essas questões a partir da representatividade das personagens?

Essas e outras questões norteiam essa pesquisa em busca de resgatar a autora que tanto contribuiu para a literatura brasileira, possibilitando seu reconhecimento, principalmente por parte dos sergipanos, pois a maioria desconhece a poeticidade de Alina.

Alina Leite nasceu no dia dez de outubro de mil novecentos e dezenove, na cidade de Estância, em Sergipe². Seus pais Manuel Vieira Leite e Maria Portela de Andrade Leite, essa morreu vítima de tuberculose, quando Alina ainda era criança. Aos cinco anos passou a ser cuidada pelos avós paternos e as tias laiá, Naná e Laurinha, todas solteironas.

Laurinha esteve sempre preocupada com a educação da menina, mas infelizmente quando Alina tinha nove anos sua tia falece. Antes disso, ainda no leito de morte determina que a menina continue seus estudos em um convento de Salvador. Assim fez o senhor Manuel, levou-a a capital baiana, para o Convento da Soledade. Alina passa a viver no sistema de internato até concluir o curso Normal. Na ocasião de sua conclusão, ganha de presente uma viagem para Aracaju, permanecendo aí por cinco dias. Depois conhece Djalma Batista com o qual noiva, mas esse fato ocasiona grandes conflitos com sua família, deixando-a num quadro de transtorno nervoso, sendo assim é levada a um sanatório para doentes mentais, permanecendo lá aproximadamente três meses.

Diante da condição de saúde ora apresentada, Alina passa a ser medicada pelo psiquiatra Isaías Paim, que a visita diariamente. Em agosto do mesmo ano eles assumem a paixão existente e casam-se, logo em seguida dirigem-se ao Rio de Janeiro, pois havia

² As informações sobre a biografia de Alina Leite Paim foram retiradas do artigo *Uma visão panorâmica da vida e obra de Alina Paim*, da pesquisadora Ana Leal Cardoso, 2009.



um vasto campo de trabalho para ambos. Em 1944, Alina Paim publica seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade*, iniciando sua carreira literária. Nesse mesmo período é incentivada pelo seu marido à militância política no PC do B.

No romance de estreia, bem como nos demais se percebe uma complexidade em relação ao tempo, à construção das personagens e principalmente ao conteúdo. Podendo ser dividida em duas importantes e pertinentes temáticas. A primeira está relacionada ao seu engajamento político, abraçando assim, causas sociais e políticas. A segunda temática está voltada para a introspecção, nessa a autora prioriza a ação das protagonistas dentre as demais personagens. A partir delas a autora vai delineando as diversas problemáticas em diferentes situações que as mulheres enfrentam, assim como as consequências que isso acarreta, tanto num contexto social quanto psicológico.

A marca da transgressão nas personagens femininas dos romances painianos está relacionada diretamente às discussões da crítica feminista, no que concerne ao universo consciente das mulheres predecessoras numa sociedade androcêntrica. A partir dessa condição, verifica-se que as personagens ora sofrem violência, ora praticam-na. Em entrevista realizada em 2009, pelo grupo GELIC (Grupo de Estudos de Literatura e Cultura)³, a pesquisadora Ana Leal Cardoso indagou autora se ela seguia uma ideologia feminista em suas obras, ou se a mesma se considera feminista. A autora respondeu imediatamente: “Se sou feminista não sei, mas sei que sou verdadeira. A verdade é o meu grande compromisso. Estou sempre do lado da verdade, e se isso é ser feminista, então eu sou” (CARDOSO, 2009).

Alina Paim traça o perfil de mulheres que expõem seus sentimentos, que deseja realizar-se como tal, não há uma negação do ser feminino, há imposições contra elas, mas lutam para não serem sufocadas. Elas apresentam como finalidade o questionamento da ordem social, sobre os aspectos do real e do ideal. Dentre as ordens impostas pela sociedade e discutidas nos romances, encontram-se a relação patriarcalista, a crítica comunista, a relação matrimonial e principalmente a postura da mulher em meio a essas realidades.

A literatura, principalmente a escrita por mulheres, tem se mostrado como um lugar promotor de profundas discussões sobre assuntos relacionados aos diversos estratos sociais, culturais e políticos. Trata-se de uma literatura que está longe de ser panfletária, documentária ou histórica, pois evidencia-se cada vez mais que essa literatura tem sido

³ Entrevista apresentada no XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura: memórias, representações, trajetórias, em Setembro de 2009, Natal- RN.



produzida a partir de experiências pessoais, reflexões sobre momentos históricos, caracterizando assim uma interferência mimética ao mesmo tempo coletiva e subjetiva.

Inserida no século XX, a literatura escrita por Alina Paim, assim como a de outras escritoras, que traçaram um percurso de escritura que denuncia como esses sujeitos (as mulheres) se comportam, refletem sobre sua própria condição na sociedade, procurando ou apresentando alternativas de saída das diversas instancias em que se encontram. A escrita de Alina se destaca porque não simplesmente denuncia, mas propõe um equilíbrio para que o ser feminino possa encontrar em meio a sociedade patriarcalista um tratamento igualitário entre os gêneros. Não em um discurso que determine a predominância de um grupo sobre o outro em relação às diferenças, mas como possibilidade de inserção das mulheres, a partir de uma verdadeira vontade, legitimação e espaço.

A partir do momento em que as sociedades sofreram modificações em suas bases, cujos resultados foram evoluções, principalmente no âmbito das tecnologias, outros tipos de sujeitos foram construídos, fragmentados em sua natureza interna, seguidos de uma crise de identidade que se coaduna com as mudanças do meio social. Quanto a isso, Hall (2007, p.8) afirma que “as identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, constituindo-se, assim, a identidade pós-moderna. Esse deslocamento do sujeito pode ocorrer devido à fragmentação de diversos aspectos sociais, principalmente das relações entre sociedade e desenvolvimento econômico e político de um determinado espaço. Por meio dessa condição o indivíduo passa a não encontrar sentido em si mesmo, gerando então um duplo deslocamento, o do sujeito consigo mesmo e o dele com a sociedade.

O que torna a construção de uma identidade cultural pós-moderna é a forma como os discursos míticos são colocados ambigualmente entre passado e futuro, já que toda a formação tem sua base nas experiências vivenciadas. A fragmentação desse sujeito é vista aqui a partir do seu deslocamento na sociedade, pois ele não se fixa como sujeito. Nesses termos, o sujeito ainda é quem constrói o seu conhecimento, embora esteja sempre dividido, mas é ele quem vivencia a identidade buscando unificá-la, comprovando assim que se está em busca de formar identidades ao longo do tempo. Está perceptível também na obra literária de Paim essa discussão referente às identidades, principalmente através do movimento feito pelas personagens, sempre em busca de uma realização pessoal em um ambiente coletivo, no qual há possibilidade de construção da identidade



através da relação de alteridade fortemente explorada pela autora. Em se tratando de Alina Paim, essa definição identitária é harmoniosa, a partir de uma mulher emancipada.

São relevantes também as considerações sobre a representação social a partir do texto literário, uma preocupação constante dos críticos que trabalham por este viés, pois se encontra na literatura a possibilidade de reconhecer no texto o que o ser humano vivencia. Candido afirma sobre a comunicação artística que: “a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público” (1965, p. 28). Candido compreende a essencial relação entre arte e sociedade, e provavelmente um novo conceito de análise literária que fluirá no imbricamento de forma e conteúdo.

As protagonistas discutem o seu lugar e o das demais mulheres que sofreram repressão em não poder realizar o que tanto desejavam. Isso pode ser explicado a partir do texto literário, conforme nos explica Magalhães (2002, p.70),

Nenhuma obra de arte pode ser estudada sem o auxílio da história, pois a verdadeira arte é um fazer história na medida em que é um refletir do ser social sobre sua própria existência. Não é história porque o autor resolveu contar o seu tempo, mas porque ele reflete o seu tempo e as possibilidades de ultrapassá-lo.

Através da reprodução da vida na obra literária, é que o homem pode encontrar consigo mesmo. É pela forma representada pela autoria que o homem se deparará com seus destinos, explicitados mediante uma profundidade, uma compreensividade e uma clareza que não podem ocorrer na própria vida.

A discussão apresentada por Alina Paim traz questionamentos acerca do sujeito feminino frente às atrocidades do abandono familiar e amoroso, a necessidade de ser aceita, intercalada com o desejo de liberdade, as imposições sociais diante dos papéis que desempenha.

As reflexões teóricas acerca da lógica de construção de identidades na contemporaneidade formam uma base discursiva de interpretação de sujeitos culturais que não é a aceitação geral, uma vez que as várias formas de ver e interpretar as alteridades culturais dependem de fatores cruciais como o econômico, o político, o tecnológico, tanto para os que interpretam quanto para os que são interpretados nesse processo.

No dizer de Canclini (1998), a identidade é teatro e é política, é representação e ação. Segundo ele, o sujeito se afasta da época em que as identidades se definiam por



essências a-históricas. Atualmente, as identidades parecem se configurar no consumo dependendo daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. O consumo projeta a identidade dos indivíduos, fazendo-os “consumidores e cidadãos”.

Ao contrário da noção degradante da identidade do sujeito, Bhabha (2001) conceitua o sujeito como um ser que deve buscar o seu espaço no mundo em que as diferenças são articuladas de forma positiva. E é de acordo com estas diferenças culturais que prevalece na sociedade o individualismo, encontrado em um momento de trânsito, em que espaço e tempo se cruzam em busca da produção da diferença identitária, do passado e do presente.

Em se tratando do sujeito do entre lugar, que se mobiliza através das fronteiras móveis e escorregadias da cultura, Bhabha o considera um sujeito condicionado à fronteira, móvel, um ser duplo, que se encontra no intercâmbio entre o eu e o outro. Esse é o espaço, o lugar do fronteiroço que relativiza as comunidades culturais e que permite manter a diferença de cada um enquanto alteridade.

A personagem realmente diferente na perspectiva de Derrida em que Butler (1990, p. 24) retoma considerando que: “Não é nenhuma diferença particular ou qualquer tipo privilegiado de diferença, mas sim uma diferencialidade primeira em função da qual tudo o que se dá só se dá, necessariamente, em um regime de diferenças, e, portanto de relação com a alteridade”.

Dessa forma, a identidade não é algo pronto, mas é efeito que se manifesta em um regime de diferenças, de referências. Para Butler a identidade não está por trás de expressões de gênero, mas é performativamente constituída. Seguindo a discussão conforme o que afirma Butler (Op.cit, p. 24) “O ‘eu’ é o ponto de transferência daquela repetição, mas simplesmente não é uma asserção forte o suficiente para dizer que o ‘eu’ é situado; o ‘eu’, esse ‘eu’, é constituído por posições [...]”.

Concebe-se então que o “eu” é um ponto de partida da transferência de si nas diversas posições, portanto o “eu” torna-se um sujeito do discurso como instrumento de reflexão e até mesmo de sua capacidade de agir diante da possibilidade de se trabalhar o poder, de um sujeito, da sua significação. Esses questionamentos possibilitam a reflexão sobre a função do texto literário, principalmente quando então é questionado, colocado à prova. Ao contrário do que se pode pensar, o texto literário não é apenas lugar de verdades questionadas, valores, subversão de identidades, representação e reprodução de discursos, normas. Subversão principalmente através dos textos escritos por mulheres, pois devido à repressão, ao silêncio, aos anos de distanciamento do discurso, do poder



político, que se encontram os maiores índices de valorização/uso do corpo num processo de emancipação dos aprisionamentos sociais, patriarcais e convencionais.

Pode-se ainda estender para a discussão do lugar da literatura ou o seu não-lugar. Ao considerar que o romance de Alina Paim representa também uma preocupação não muito discutida da época ao tratar em sua narrativa sobre o deslocamento social, o apagamento das classes, a crise social das relações humanas causadas muitas vezes por indefinições do próprio passado. Nesse sentido a autora sergipana constrói personagens que estão em busca do sentido da sua existência.

Alina Paim foi reconhecida por Jorge Amado, Graciliano Ramos entre outros leitores críticos por “ser uma escritora que alia ao seu grande talento uma dignidade humana fora do comum” (OLIVEIRA NETO, 1992, p. 118), alguns atestam tal sensibilidade pelos conflitos existentes frente à dignidade humana devido algumas essencialidade vividas por ela. A docência em Salvador, numa escola de periferia, no Rio de Janeiro lecionou para filhos de pescadores. Sempre teve interesse pelos menos favorecidos, exerceu atividade política no PC do B, conviveu durante meses com as mulheres dos trabalhadores ferroviários que participaram ativamente da greve da Rede Mineira, na qual sofreu perseguições, pressões e processo judicial.

É escassa a fortuna crítica dessa autora, porém há pérolas nos prefácios dos livros, como a afirmação de Jorge Amado, que confirma a relação da romancista com o ser humano ao comentar sobre Sol do meio-dia. “Estou certo do sucesso deste romance não só junto aos intelectuais, mas também entre o grande público pois ele é construído com a experiência vivida e o amor ao ser humano” (1992, p. 123).

Nelly Novaes Coelho (2002, p. 39) revela em seu Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711 – 2001, que Alina Paim desenvolve em seus romances “denunciam principalmente, o despotismo dos fortes sobre os fracos, o amor como caminho de realização ou de destruição dos seres humanos, a desumanidade do sistema de exploração da força-trabalho, que caracteriza a sociedade brasileira em geral”.

A autora do texto continua sua reflexão a respeito das obras de Alina Paim confirmando a ideia de uma consciência crítica e humanitária como um alicerce nos textos da romancista. Esse caráter reflexivo garantiu-lhe, no período do Regime Militar (1960-1970), dissabores políticos, rótulos de feminista esquerdista. No entanto seus romances não deixam de ter uma importância particular no acervo da literatura nacional, principalmente porque estava “fundamente sintonizada com as forças transformadoras do nosso tempo” (2002, p. 39).



Diante dessa prerrogativa destaca-se o romance “Estrada da Liberdade” (1944), foi com esta obra que Alina Paim estreou no universo da literatura. Traz como cenário a vida de moças em formação no convento da Liberdade, em Salvador – BA. Tem como protagonista Marina, uma jovem professora da comunidade pobre dessa cidade, a narrativa tem como ponto de partida a memória de quem passou a infância no convento. Marina saiu de Sergipe para Bahia quando ficou órfã de mãe e sem o apoio do pai, o único lugar que poderia proporcionar-lhe uma formação para ser uma boa mulher e esposa era o convento.

Durante a narrativa o leitor depara-se com duas realidades vivenciadas pela protagonista, enquanto professora pode experimentar da realidade elitista do convento, no qual também lecionou, e a realidade da periferia, do proletariado, nas duas realidades Marina tenta aplicar métodos modernos de ensino e aprendizagem. Nesse âmbito a autora denuncia a função social do convento na década de 40, que era a de guardar as filhas dessa sociedade dos homens em situação financeira inferior. No entanto, Marina muda essa ordem, pois é preparada para casar e viver em plena submissão, porém ultrapassa essa função quando assume sua profissão fora dos muros do convento e principalmente por escolher o consumo de cultura e conhecimento de toda ordem.

Alina Paim segue seus romances fundindo-os, como afirma Xavier (2009), em duas temáticas centrais, uma de engajamento ideológico, político e a outra de introspecção, representando os problemas de ordem existencial. Essa abordagem também é apresentada no romance “A sombra do Patriarca” (1950), de acordo com o alusivo título, a autora explora a relação de mulheres que estão vivendo sob o jugo do patriarcalismo e do capitalismo do fazendeiro, Tio Ramiro, ou seja, vivem em função unicamente dele, sua vontade prevalece sobre tudo e todos.

Todos da fazenda vivem segundo a normalidade do fazendeiro, até que Raquel, sobrinha de Ramiro, vai passar alguns dias na companhia dele. É quando a protagonista observa o poder do patriarca, as humilhações sofridas pelas mulheres que convivem com ele, como Amélia, a esposa do senhor de engenho, que é massacrada diante da sociedade.

Raquel manifesta um comportamento contrário aos padrões da época, antecipando o olhar de Alina Paim sobre a condição da mulher para a sociedade daquela época. Raquel representa, portanto a mulher que não fica subjugada, que enfrenta a ordem do patriarcado, gerando uma nova imagem de mulher. Essa, de acordo com a proposta dessa pesquisa, é lida como espiritualizada, companheira, dona de si.



No romance “Sol do meio-dia” (1961), encontra-se um discurso ideológico, político com mais foco. É um romance também narrado em primeira pessoa, com fluxos de consciência, e como os demais o espaço da trama é coletivo, agora o local da coletividade é uma pensão no Rio de Janeiro. Esse romance é marcado, como afirmou Jorge Amado em prefácio, pelas “marcas de compreensão e solidariedade humanas”, assim é traduzida a arte literária de Alina nesse romance.

Sol do meio-dia traz um leque de questionamentos e denúncias de uma sociedade passiva, amedrontada diante das condições na luta pela sobrevivência em detrimento as imposições do sistema político vigente. O que se percebe na literatura de Paim é a forte preocupação em representar os conflitos vivenciados pelas classes sociais. Encontra-se no romance a presença de Ester, menina que enfrentou o desafio de vencer o sistema do patriarcado em busca do sonho de autorrealização, sendo capaz de dialogar com o partido comunista presente em nossa história personagem protagonista que observa a sua realidade social e política, narra e faz alusão a sua memória.

O texto possibilita a leitura da narrativa observando a narradora que aos poucos apresenta perfis das diferentes mulheres, suas reações e motivações frente a sociedade da década de 60 e a construção da identidade dessas mulheres. Apresenta-se uma protagonista com uma atitude de compreensão a partir do que já tinha vivenciado em Paripiranga e da solidariedade na tentativa de levar a essas mulheres encorajamento para perceber que são capazes de mudança.

O que Ester presencia na pensão de D. Beatriz não é muito diferente do que ela vivenciou em Paripiranga ao lado dos pais. A história é desenvolvida a partir da narradora que aos poucos apresenta perfis das diferentes mulheres, suas reações e motivações frente à sociedade da década de 60, a construção da identidade dessas mulheres. A personagem adota a vivência em Paripiranga em vista da solidariedade humana na tentativa de levar a essas mulheres encorajamento para perceber que são capazes de mudança.

A discussão apresentada por Alina Paim traz questionamentos acerca do sujeito feminino frente às atrocidades do abandono familiar e amoroso, a necessidade de ser aceita intercalada com o desejo de liberdade, as imposições sociais diante dos papéis que desempenha, principalmente a relação com os demais tipos que estão presentes na pensão de D. Beatriz, com os quais Ester se relaciona.

Ester numa relação de alteridade, a partir do qual apresenta a condição das diferentes mulheres, suas reações e motivações frente à sociedade da década de 60.



Verifica-se a partir da narrativa autodiegética, a trajetória dessa mulher que enfrentou o desafio de vencer o sistema patriarcado em busca do sonho de autorrealização é capaz de dialogar com o partido comunista presente em nossa história. Na ambientação coletiva da pensão observam-se as características das várias identidades partindo de culturas, situação econômica, crenças, histórias também diferenciadas. A partir dessas leituras busca-se as marcas de Alina Paim frente à relação de alteridade no romance em discussão.

Ester é menina que saiu do norte, na verdade nordeste, e mora no Rio de Janeiro, na pensão de D. Beatriz. Todas as atitudes que Ester observa dos outros moradores da pensão, a relação entre a dona, seus inquilinos e sua família, remetem Ester o tempo inteiro ao seu passado. Ester nasceu em Paripiranga, cidade baiana, vizinha de Simão Dias, aliás, a cidade é lembrada com a discussão sobre qual estado deve pertencer, Sergipe ou Bahia? Ester buscava uma vida diferente, não queria a mesma vida de sua mãe nem das mulheres de sua cidade, considerada sem futuro, queria sair da atmosfera de favor, de obrigação.

De todas as vezes que Ester se projetou para o passado, para a infância, em que escuta vozes daqueles que fizeram parte de sua história, de toques, de cheiros ela finalmente se remete ao momento em que percebera o efeito da luz ao meio-dia. Percepção construída numa bela metáfora onde nos é apresentada a compreensão que a protagonista agora tem, diante de um panorama de todas as formas de vida daqueles que moram na pensão. “- Acerquem-se da mesa, amigos. Meu pai, professor Virgílio, ocupem a cabeceira. Tomem seus lugares. Vamos tios Martins, Maria da Penha, Osvaldo, Judite, seu Rocha, Sanches, Teodoro e Marta, Margarida e Henrique. Vocês construíram minha casa, devo-lhes esta festa”. (PAIM, 1961, 309).

Esses questionamentos possibilitam a reflexão sobre a função do texto literário, principalmente quando então é questionado, colocado à prova. Ao contrário do que se pode pensar, o texto literário não é apenas lugar de verdades questionadas, valores, subversão de identidades, representação e reprodução de discursos, normas. Subversão principalmente através dos textos escritos por mulheres, pois devido à repressão, ao silêncio, aos anos de distanciamento do discurso, do poder político, que se encontram os maiores índices de valorização/uso do corpo num processo de emancipação dos aprisionamentos sociais, patriarcais e convencionais.

Considerando que o romance de Alina Paim representa também uma preocupação não muito discutida da época ao tratar em sua narrativa sobre o deslocamento social, a



relação de alteridade, o apagamento das classes, a crise social das relações humanas causadas muitas vezes por indefinições do próprio passado. Nesse sentido a autora sergipana constrói uma personagem que está em busca do sentido da sua própria existência.

O quarto romance a ser considerado nesta pesquisa é *A correnteza* (1979), traz uma protagonista diferente das demais. Isabel é uma mulher que alimenta desde a infância o sonho de possuir sua própria casa. Para realização de tal desejo, ela rouba o noivo da irmã, os clientes de Madame Julie – sua professora de corte e costura. Tivera quatro filhos, dois morreram, Lucia morreu porque Isabel negou-lhe assistência médica a fim de não gastar o dinheiro, pois precisava comprar a casa.

Julinda foge de casa ao ser chamada de “putinha de terreiro” e o filho mais velho é escorraçado de casa por pedir abrigo a Isabel, essa mantém o tom de hostilidade para com todos, sempre.

O enredo também é marcado pelas memórias da protagonista que parece entrar num itinerário de autoconhecimento, em que se descobre pobre e excluída como fonte de todo mal presente em si mesma.

Isabel também pode ser considerada como órfã, só que de mãe viva, pois não tinha contato com ela, nem recebia seu carinho, atenção, nem educação, pois fora criada pela vizinhança.

A protagonista do romance *A correnteza* representa a exclusão social, por parte de sua família, da própria sociedade que não a acolhe e pelas marcas da injustiça social. Trata-se de um romance marcado pela introspecção, com exame de consciência e uma intensa busca de si mesma.

Nas obras literárias de Alina Paim, propostas neste projeto de pesquisa encontra-se a presença de Ester, Isabel, Raquel e Marina; mulheres que vivem sob o jugo do exacerbado patriarcalismo e capitalismo selvagem que marcam a sociedade representada nos romances. É interessante observar também que as protagonistas de Alina Paim estão, geralmente, engajadas na condição de emancipadoras, militantes, socialistas, confundindo-se com o feminismo, como afirmara, recentemente Carlos Magno (2009)

Conforme fora exposto, espera-se que o resultado dessa pesquisa possibilite uma continuidade a fim de verificar as mudanças de postura da mulher em relação à dominação do patriarcado presente nas obras *A sombra do patriarcado*, *Estrada da liberdade*, *Sol do meio-dia* e *A correnteza*, da escritora sergipana Alina Paim. Mediante as reflexões da autora, percebe-se que a mesma contribui para a formação da mulher a



partir da reflexão sobre as memórias de mulheres que souberam relacionar a condição socialista e intimista a partir da coletividade e da alteridade.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

CARDOSO, Ana Leal. Uma visão panorâmica da vida e obra de Alina Paim. In: **XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura: memórias, representações, trajetórias**, Natal, Universidade Potiguar, set. 2009.

CARLOS, Magno. Sociologia de gênero na ficção de Alina Paim. In: **XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura: memórias, representações, trajetórias**, Natal, Universidade Potiguar, set. 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1971 – 2001**. São Paulo: Escrituras, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LAVILLE, Christian; DIONNE Jean. **A construção do Saber: Manual de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artimed/UFMG, 1999.

MAGALHÃES, Belmira. **História da representação literária: um caminho percorrido**. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Maceió, n. 6, UFAL, 2002.

OLIVEIRA NETO, José Olyntho. **Prosa Sergipana: uma antologia**. Brasília: Thesaurus, 1992.

PAIM, Alina Leite. **A correnteza**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

_____. **Estrada da Liberdade**. Rio de Janeiro: Leitura, 1944.

_____. **Sol do meio-dia**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira do Livro, 1961.



XAVIER, Elódia. Alina Paim: duas faces da mesma moeda. In: **XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura**: memórias, representações, trajetórias, Natal, Universidade Potiguar, set. 2009.